



Futebol, Visibilidade e Poder: Lógicas da Violência nos Espetáculos Futebolísticos¹

Felipe Tavares Paes Lopes²

Universidade de Sorocaba

Mariana Prioli Cordeiro³

Universidade de São Paulo

Resumo: Neste texto, buscaremos discutir os vínculos entre poder e visibilidade na produção, transmissão e controle da violência no espetáculo futebolístico. Para tanto, apoiamo-nos em resultados de pesquisa que temos realizado desde 2008. Em tais pesquisas, adotamos diversos procedimentos metodológicos, tais como: revisão de literatura, entrevista individual, observação de tipo etnográfico e análise documental. Entre outras coisas, concluímos que os embates corporais entre torcedores é uma forma de buscar visibilidade dentro do campo das torcidas, que o modo através do qual os meios de comunicação têm visibilizado esses embates têm ajudado a amplificá-los e que as lógicas de administração da violência visam a um controle panóptico dos torcedores.

Palavras-chave: futebol; visibilidade; poder; violência.

1 Introdução

Embora existam registros de violência dentro e fora dos estádios de futebol desde os primórdios do esporte no país, acredita-se, com frequência, que se trata de

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Consumo e Institucionalidades, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

² É doutor em Psicologia Social pela USP e fez pós-doutorado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Atualmente, é docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UNISO. Email: lopesftp@gmail.com

³ É doutora em Psicologia Social pela PUC-SP e fez pós-doutorado no Instituto de Psicologia da USP. Atualmente, é docente dessa mesma instituição. Email: mpriolicordeiro@usp.br.



um fenômeno recente. Em parte, isto se deve à visibilidade dada a esse fenômeno pelos meios de comunicação. No Brasil, na década de 1940, o diário esportivo carioca, *Jornal dos Sports*, já promovia ampla campanha pela moralização do futebol, defendendo o fim da impunidade e a imposição de punições exemplares. No entanto, foi na década de 1980 que a violência no futebol passou a ganhar maior destaque no noticiário nacional. Na primeira metade da década, a violência abordada com maior frequência era aquela promovida pelos *hooligans* ingleses, que causavam temor por onde passavam. Já na segunda metade, começou-se a dar maior destaque à violência ocorrida no país (HOLLANDA, 2008). Em meados da década de 1990, essa violência entrou definitivamente para a agenda dos meios de comunicação – em especial, depois da chamada “batalha campal do Pacaembu”, quando torcedores do Palmeiras e do São Paulo invadiram o gramado e se enfrentaram violentamente, resultando na morte de um torcedor e numa centena de feridos (LOPES, 2013).

Desde então, autoridades públicas e do futebol têm se aproveitado das cenas de violência nos espetáculos futebolísticos para conquistarem seus quinze minutos de fama e se promoverem politicamente. A cobertura jornalística do tema tampouco tem contribuído para esclarecer a lógica dessa violência. Levados pelo seu horror, os meios de comunicação e as instituições do Estado têm simplificado a questão e argumentado, com frequência, que ela é sem sentido. Todavia, longe de ser irracional, a violência no futebol possui múltiplas causas culturais e sociais (ZUCAL, 2012). No Brasil, já existem algumas importantes pesquisas sobre o tema (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997; SANTOS, 2004; TEIXEIRA, 2004; REIS, 2006; MURAD, 2007; HOLLANDA, 2009; LOPES, 2013), que têm contribuído para a compreensão das lógicas dessa violência. Neste texto, buscaremos avançar nessa compreensão discutindo um aspecto ainda pouco explorado pela literatura: os vínculos entre poder e visibilidade na produção, transmissão e controle da violência em questão.

Aqui, cabe destacar que, seguindo as reflexões de John B. Thompson (1998, p. 21), entenderemos que um ato pode ser definido como visível quando ele for



realizado de tal modo que qualquer pessoa possa vê-lo. Também seguindo as reflexões de tal autor, entenderemos que o poder

[...] é a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências. No exercício do poder, os indivíduos empregam os recursos que lhes são disponíveis; recursos que são os meios que lhes possibilitam alcançar efetivamente seus objetivos e interesses. Ao acumular recursos dos mais diversos tipos, os indivíduos podem aumentar seu poder – do mesmo modo que, por exemplo, um indivíduo pode controlar economias pessoais com a finalidade de comprar uma propriedade.

Uma vez apresentados as noções de visibilidade e poder aqui utilizadas, cabe, agora, tecer alguns esclarecimentos metodológicos.

2 Percurso metodológico

Este trabalho apoia-se nos resultados de diversas pesquisas que temos realizado desde 2008 sobre a violência nos espetáculos de futebol. Em tais pesquisas, adotamos diversos procedimentos metodológicos, tais como: revisão de literatura, entrevista individual, observação de tipo etnográfico e análise documental. A revisão de literatura é uma peça importante no trabalho científico e pode ter diferentes objetivos. Nosso objetivo foi, fundamentalmente, conhecer o que já se sabe sobre a referida violência, quais as principais lacunas e onde se encontram os principais entraves teóricos e metodológicos (LUNA, 2005). A revisão de literatura tem sido um procedimento contínuo e de longo prazo. A partir dela, levantamos livros, artigos, dissertações e teses sobre a referida violência tanto na América Latina quanto na Europa, tendo como referência produções em língua portuguesa, inglesa e espanhola.

Já a entrevista é um procedimento de produção de dados amplamente utilizado nas Ciências Sociais. Como escreveu Robert Farr (apud. GASKELL, 2008, p. 65), ela é “[...] essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que



existem perspectivas, ou ponto de vistas sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”. Assim, a fim de mapear e compreender as diferentes perspectivas sobre a violência no futebol, entrevistamos, individualmente, torcedores, jornalistas, dirigentes esportivos, assistentes sociais e acadêmicos brasileiros e estrangeiros. Para a realização dessas entrevistas, utilizamos um roteiro semiestruturado.

A observação de tipo etnográfico, por sua vez, permite-nos focar nas relações cotidianas – ou, nas palavras de Justa Ezpeleta e Elsie Rockwell (1986, p. 15), permite-nos “documentar a realidade não documentada”. Nesta pesquisa, realizamos observações durante eventos e reuniões organizados pelo Ministério do Esporte para debater a violência no futebol com operadores do direito, políticos, jornalistas e torcedores; durante visitas que fizemos a sedes de torcidas, projetos socioeducativos e estádios de futebol, bem como durante jogos que assistimos no Brasil e no exterior. Nessas ocasiões, buscamos estar atentos aos diferentes fenômenos que ocorrem no universo do futebol; fizemos anotações da forma mais detalhada possível e reservamos tempo para ampliar, elaborar e refletir sobre essas anotações (DELAMONT, 2005).

A análise de documental, conforme explica a própria designação, “compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim” (MOREIRA, 2009, p. 271). Nesta análise, trabalhamos com documentos de domínio público, ou seja, com produtos sociais tornados públicos. De acordo com Peter Spink (1999), esses materiais possuem grande potencial de circulação de sentidos e de reestruturação dos espaços institucionalizados de interação. Além disto,

eticamente estão abertos para análise por pertencerem ao espaço público, por terem sido tornados públicos de uma forma que permite a responsabilização. Podem refletir as transformações lentas em posições e posturas institucionais assumidas pelos aparelhos simbólicos que permeiam o dia-a-dia, ou, no âmbito das redes sociais, pelos argumentos e coletivos que dão forma ao informal, refletindo o ir e vir de versões circulantes assumidas ou advogadas. (SPINK, 1999, p. 136).



Os documentos de domínio público podem assumir diversas formas, tais como diários oficiais, arquivos variados, jornais e revistas, anúncios, publicidade, manuais de instrução, relatórios anuais etc. No nosso caso, analisamos artigos e textos opinativos publicados no diário esportivo Lance! e na Folha de S. Paulo, em 2009 e 2010, além de leis e documentos oficiais sobre segurança nos eventos esportivos no Brasil, Colômbia, Alemanha e Inglaterra. Uma vez esclarecidos os procedimentos metodológicos, começamos nossa análise sobre as relações entre visibilidade, poder e violência no futebol.

3 A produção da violência: torcidas de futebol, visibilidade e poder

O fenômeno da violência no futebol tem sido analisado através das mais diferentes lentes teóricas e ensejado controvérsias no debate sobre o assunto. Naturalmente, em poucas páginas, é impossível nos aprofundarmos nesse debate e apresentarmos todas essas controvérsias. Sendo assim, a discussão feita aqui será, obviamente, seletiva e enfocará apenas aqueles pontos que dizem respeito mais diretamente aos vínculos entre visibilidade e poder. Uma tese recorrente é que os torcedores envolvem-se em ações violentas para obter visibilidade pública. Seria um modo de sair do anonimato e obter algum tipo de reconhecimento, nem que através de ações habitualmente vistas como negativas. Não à toa, muitos deles guardam (e exibem orgulhosamente) fotografias de jornais que confirmam sua participação em brigas contra outros torcedores ou contra a polícia.

De acordo com José Garriga Zucal (2012), não se trata, todavia, de uma busca por visibilidade *per se*. Trata-se, na verdade, de uma forma buscar o reconhecimento de seus pares-concorrentes. O universo de interações das torcidas de futebol (torcidas organizadas, *barras*, *ultras* e *hooligans*) apresenta algumas propriedades características dos campos sociais (BOURDIEU, 1983; 1997; 2004). Assim como qualquer campo social, esse universo constitui um microcosmo relativamente autônomo, dotado de leis e troféus próprios. Por exemplo: roubar material de grupos adversários (como camisetas, bonés e bandeiras) é uma prática que confere prestígio.



Prova disto é que o material roubado costuma ser publicado nas redes sociais. O grupo que tem seu material roubado, por sua vez, costuma tentar recuperar esse material ou roubar da torcida que lhe roubou, ao invés de fazer um boletim de ocorrência.

Além do mais, como qualquer campo social, o universo de interações das torcidas de futebol é um mundo dividido, em que há conflitos, concorrências, hostilidades. Trata-se de um espaço onde seus agentes são levados a fazer coisas que não fariam se os outros não existissem, tais como confeccionar um “bandeirão” alguns metros maior apenas para superar em tamanho o do rival. Trata-se, também, de um espaço fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento. Reconhece-se aquele que tem ampla capacidade de suportar a dor. De aguentar as adversidades. *Hay que tener aguante*, costumam pregar os integrantes das *barras* latino-americanas. No campo das torcidas, o *aguante* constitui, assim, uma espécie de capital particular. A posição de um torcedor (e de uma torcida) nesse campo, portanto, depende do volume acumulado de tal capacidade. Nesse sentido, o *aguante* aparece, ao mesmo tempo, como um meio (pois é a principal forma para garantir a dominação no campo das torcidas) e como um fim (pois é a própria razão da luta travada nesse campo).

Ao pesquisar o contexto argentino, José Garriga Zucal (2012), mostra que existem diversas formas de mostrar *aguante*: através das longas viagens para acompanhar o clube apoiado, através da ingestão de drogas ou de (altas) doses de bebida alcoólica ou, principalmente, através da participação em combates corporais contra torcedores adversários ou contra a polícia. Não é por acaso que o ideal de corpo (masculino) nesse contexto seja um corpo robusto, gordo e marcado. Afinal, a robustez é percebida como uma poderosa arma em tais combates. Prova disto é que, para não parecer uma torcida fisicamente frágil, as lideranças das *barras* argentinas costumam arrancar os torcedores mais miúdos dos alambrados, permitindo apenas que os mais fortes fiquem dependurados. Por sua vez, o excesso de gordura opera como um signo da capacidade de aguentar a ingestão de litros e mais litros de cerveja e vinho. Inclusive, uma prática comum entre os integrantes das *barras* é a de levantar a



camisa no meio da multidão, a fim de justamente mostrar suas grandes barrigas como sinal de sua virilidade. Já as cicatrizes são valorizadas porque constituem uma espécie de “prova viva” da participação em combates corporais. Quanto maiores, mais valorizadas elas são (ALBARCES, 2012; ZUCAL, 2012).

Ter cicatrizes ou contar histórias sobre envolvimento em combates corporais, todavia, não são suficientes para provar a posse de *aguante*. Para tanto, é preciso participar de tais combates diante de seus pares, ou seja, tal participação é uma forma de expressar *aguante* dentro do campo das torcidas. Trata-se de dar visibilidade à sua capacidade de subjugar, conquistar ou resistir a um oponente a fim de obter status dentro desse campo. Em última instância, trata-se de converter poder coercitivo em capital simbólico.

4 A transmissão da violência: meios de comunicação, visibilidade e poder

Embora não seja a busca pela visibilidade *per se* que motive a violência no futebol, a visibilidade pública conferida a ela pelos meios de comunicação a impactaram profundamente. Neste ponto, o contexto inglês é bastante ilustrativo. Conforme indicam Eric Dunning, Patrick Murphy e John Willians (1993; 1994), no final da década de 1950, com a “crise moral” que afetava os jovens da classe trabalhadora, a imprensa inglesa passou a abordar com mais frequência as desordens e os atos de violência promovidos pelos *hooligans*, ampliando significativamente o número de matérias sobre eles. A partir da Copa do Mundo da Inglaterra, em 1966, o hooliganismo entrou definitivamente para a agenda dos meios de comunicação. Neste período, os *hooligans* começaram a ser tratados pelos jornais de seu país como uma séria ameaça para a reputação internacional da Inglaterra. Assim, preocupados com o (mau) comportamento dos *hooligans*, os jornais ingleses começaram a enviar repórteres aos estádios para observar e relatar o comportamento desses torcedores. Com isto, amplificaram-se significativamente os registros de episódios de violência. Esta amplificação, aliada à abordagem sensacionalista dada pela imprensa à questão, reforçou a ideia de que os estádios eram lugares inseguros, onde a barbárie reinava.



COMUNICON 2015

congresso internacional
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Um dos principais efeitos dessa ideia foi que ela atraiu ainda mais torcedores violentos aos estádios, estimulando e moldando o fenômeno do hooliganismo.

No Brasil, conforme pudemos verificar na análise do material jornalístico examinado, os estádios de futebol também são frequentemente revestidos com a imagem do perigo e da barbárie. Eles teriam se transformados em “campos de batalha”, “praças de guerra”, “fronts” etc. Aqui, a metáfora da guerra é evidente. Outra metáfora habitualmente utilizada para se referir aos torcedores (supostamente) violentos e a suas ações é da metáfora da natureza. Nela, tais torcedores são identificados em termos de ações animais e/ou patológicas. Eles seriam “terríveis excrescências”, o “lado podre”, a “doença do futebol”, ou seja, seriam corpos estranhos que deveriam ser extraídos do corpo social. Aqui, é importante notar que ambas as metáforas ajudam a criar uma polarização simbólica entre um “nós”, sociedade, e um “eles”, torcedores (supostamente) violentos (LOPES, 2012).

Tais torcedores, todavia, não seriam quaisquer torcedores. De uma forma geral, para os meios de comunicação, o principal vilão das cenas de violência no futebol brasileiro são os torcedores organizados, embora haja pesquisa indicando que apenas uma pequena minoria desses torcedores – entre 5 e 7% – se envolvam em tais cenas (MURAD, 2012). Ao mesmo tempo em que os meios de comunicação jogam luz nos conflitos violentos entre (alguns) desses torcedores, eles costumam deixar na penumbra as outras dimensões das torcidas organizadas (o fato de elas serem fonte de identidade, socialização e lazer para milhares de jovens, por exemplo). Não à toa, as autoridades públicas e do futebol buscam controlar permanentemente os torcedores organizados. Em outras palavras, desumanizam-se esses torcedores e, com isto, autoriza-se a criação de mecanismos de controle específicos para eles.

Neste ponto, é ilustrativa a reação negativa da imprensa ao cadastramento nacional dos torcedores – proposto, em 2009, pelo Ministério do Esporte. Entre outras críticas, argumentava-se que ele invertia a lógica, fichando-se todos os torcedores ao invés de fichar apenas os violentos. No entanto, atualmente, no estado de São Paulo, os torcedores organizados, para entrarem com qualquer peça que faça



referência à sua torcida, precisam estar cadastrados na Federação Paulista de Futebol (FPF). Esta medida, muito similar à anterior, não tem suscitado, contudo, a mesma indignação da mídia. Pelo contrário, nas raras ocasiões em que é abordada, ela costuma ser aplaudida, ou seja, o que é visto como inaceitável para a coletividade torcedora é visto com naturalidade para os torcedores organizados (LOPES, 2012).

Além de autorizar o controle social dos torcedores organizados, o processo de desumanização desses torcedores tem contribuído para minar seu poder de resistência ao processo de elitização do futebol. Hoje em dia, eles são os grandes protagonistas na luta contra esse processo. Entre outras coisas, têm reivindicado a diminuição do valor do preço dos ingressos e a manutenção de uma cultura popular de torcer. No entanto, o descrédito estabelecido em relação à sua imagem tem feito com que eles sejam, sistematicamente, excluídos dos processos decisórios do futebol profissional. Assim, ao não serem consultados, suas demandas deixam, evidentemente, de serem atendidas.

5 O controle da violência: políticas de segurança, visibilidade e poder

A caracterização das relações entre visibilidade e poder não é apenas fundamental para a compreensão das lógicas de produção e transmissão da violência no futebol, mas, também, para o entendimento das lógicas de administração e controle dessa violência. Lógicas pautadas na figurada arquitetônica do Panóptico, proposta inicialmente por Jeremy Bentham no final do século XVIII e utilizada como metáfora por Michel Foucault (1975/2013) para falar da sociedade disciplinar. De acordo com o autor, o princípio de tal figura é o seguinte:

na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas; cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente,



um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções – trancar, privar de luz e esconder – só se conserva a primeira e se suprimem as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha. (FOUCAULT, 2013, p. 190).

Desde as análises feitas por Foucault (2013) da figura do Panóptico, esse modelo de vigilância tem sido utilizado como uma metáfora recorrente de técnicas modernas de controle social, já que, cada vez mais, as pessoas estariam submetidas a um estado permanente de visibilidade, que reforçaria o exercício do poder sobre elas. Evidentemente, não é nosso objetivo aqui discutir se a noção de Panóptico fornece, de fato, um modelo de controle generalizável para a sociedade moderna, mas apenas indicar que esse modelo de controle se faz presente no espetáculo futebolístico, na medida em que o torcedor é visto com suspeita, como um criminoso potencial, que deve ser isolado, individualizado e permanentemente vigiado.

No Brasil, há mais de trinta anos, por exemplo, as torcidas adversárias são separadas nas arquibancadas, chegam por vias diferentes e entram por diferentes portões. No estádio, além de não poderem circular livremente pelos diversos setores, são segmentadas por grades, cordões de isolamento e barreiras de policiais, que funcionam como um elemento inibidor (PIMENTA, 1997). Outra medida que também vem sendo adotada há muito tempo nos estádios brasileiros é a revista antes da entrada. Esta é feita pela Polícia Militar e visa apreender materiais considerados perigosos. Também é feito pela Polícia Militar um controle na parte externa do estádio a fim de impedir a entrada de torcedores sem ingresso.



Além disso, o monitoramento do público por imagem está previsto no Estatuto de Defesa do Torcedor. Segundo a redação dada pela Lei 12.299/10 (BRASIL, 2010), “os estádios com capacidade superior a dez mil pessoas deverão manter central técnica de informações, com infraestrutura suficiente para viabilizar o monitoramento por imagem do público presente”. A fim de se evitar a formação de massas compactas e fervilhantes, também se tem reduzido ou, até mesmo, eliminado os setores de pé, que tem ganhado assentos. Essa medida tem suscitado muitas críticas, pois tais setores são vistos pelos torcedores como a garantia para uma atmosfera vibrante, aberta e atrativa nos estádios. Diante de tais transformações nos espetáculos futebolísticos, Richard Giulianotti (2002) defende que, mais do que um espaço de interação, o futebol tem se transformado num evento para se olhar, onde a liberação da emoção intensa tem sido rigidamente combatida.

6 Considerações finais

Neste texto, discutimos os vínculos entre poder e visibilidade na produção, transmissão e controle da violência no futebol. Entre outras coisas, mostramos que os embates corporais entre torcedores buscam dar visibilidade ao seu poder coercitivo dentro do campo das torcidas. Também mostramos que o modo através do qual os meios de comunicação têm visibilizado esses confrontos têm ajudado a amplificá-los. Além disso, indicamos que, aqui no Brasil, o tratamento mediático desses confrontos tem legitimado o controle social das torcidas organizadas e minado seu poder de resistência ao processo de elitização do futebol. Por último, mostramos que a administração da violência nos espetáculos futebolísticos articula poder e visibilidade na medida em que esses espetáculos operam como Panópticos. Tais conclusões, todavia, ainda são provisórias e serão aprofundadas em trabalhos futuros.



7 Referências bibliográficas

ALABARCES, P. **Crônicas del aguante: fútbol, violencia y política**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993.

_____. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL. **Lei n° 12.299**, de 27 de julho de 2010. Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão aos fenômenos de violência por ocasião de competições esportivas; altera a Lei n° 10.671, de 15 de maio de 2003; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm.

Acesso em: 05 de abr. 2012.

DELAMONT, S. Ethnography and participant observation. In: SEALE, C.; GOBO, J. F. G.; SILVERMAN, D. (Eds.). **Qualitative Research Practice**. Londres: Sage, 2005. p. 217-229.

DUNNING, E.; MURPHY, P.; WILLIAMS, J. Spector violence at football matches: towards a sociological explanations. In: ELIAS, N; DUNNING, E. **Quest for excitement: sport and leisure in the civilizing process**. Cambridge: Blackwell, 1993. p. 245-266.

_____. **O futebol no banco dos réus**. Oeiras: Celta Editora, 1994.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Observação Participante**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41 ed. Petrópolis: Vozes, 1975-2013.



GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. 7 Ed. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol:** dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HOLLANDA, B. B. B. de. **O clube como vontade e representação:** o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol:** ideologia e crítica na construção de um problema social. 2012. 589f. Tese (Doutorado) – Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2012.

_____. Dimensões ideológicas do debate público acerca da violência no futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.** 27, 04, Out./dez. de 2013, p. 597-612.

LUNA, S. **Planejamento de pesquisa:** uma Introdução. São Paulo: EDUC, 2006.

MOREIRA, V. “Así cualquiera tiene aguante, de fierro tiene aguante todo el mundo”: disputas morales sobre las prácticas violentas en el fútbol. In: ZUCAL, J. G. (Comp.) **Violencia en el fútbol: investigaciones sociales y fracasos políticos.** Buenos Aires: EGodot, 2013, p. 41-68.

MURAD, M. **A violência e o futebol:** dos estudos clássicos aos dias de hoje. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

PIMENTA, C. A. M. **Torcidas organizadas de futebol:** violência e auto-afirmação. Aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal, 1997.

REIS, H. H. B. **Futebol e Violência.** Campinas: Autores Associados/FAPESP, 2006.

SANTOS, T. C. **Dos espetáculos de massa às torcidas organizadas:** paixão, rito e magia no futebol. São Paulo: Annablume, 2004.



SPINK, P. A análise de documentos de domínio público. In: SPINK, M. J. (Org.).

Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2002. p. 63-92.

TEIXEIRA, R. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas.** São Paulo: Annablume, 2004.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** Petrópolis: Vozes, 1998.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol.** Campinas: Autores Associados; Campinas: Anpocs, 1996.

TSOUKALA, A. Administrar a violência nos estádios da Europa: quais racionalidades? In: HOLLANDA, BB, REIS, HHB, organizadores. **Hooliganismo e Copa de 2014.** Rio de Janeiro: 7 Letras; 2014, p. 21-36.

ZUCAL, J. G. **Nosotros nos peleamos: violencia e identidad de una hinchada de fútbol.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.